

PERCEPÇÃO VISUAL E EXPRESSIVIDADE CORPORAL EM VIVÊNCIAS COM LUZ E SOMBRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Costa Pinto ¹
Penha Patrícia de Oliveira Laurenti ²

RESUMO

O presente relato tem como objetivo descrever as vivências realizadas com crianças bem pequenas, com aproximadamente dois anos de idade, durante sessões de exploração com luz e sombra, desenvolvidas em um Centro de Educação Infantil localizado na cidade de Recife/PE. As propostas foram organizadas com a intenção de estimular a percepção visual, a curiosidade natural da criança e o desenvolvimento sensorial, por meio de experiências exploratórias significativas. As sessões ocorreram em um ambiente cuidadosamente preparado, com baixa luminosidade e o uso de um projetor exibindo o efeito de fumaça colorida, criando um cenário visualmente instigante. O relato se baseia em uma breve pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, utilizando como instrumentos registros fotográficos e escritos de observação. As sessões de luz e sombra foram acompanhadas ao longo de um mês e foi possível perceber que as crianças apresentaram desenvoltura na autonomia, vivenciando as experiências de acordo com seu tempo, sem pressa ou preocupação, assumindo uma postura segura e ativa. Durante a vivência, foi possível observar o encantamento das crianças diante das transformações visuais proporcionadas pela luz e pela sombra. Elas demonstraram interesse em rastrear os feixes luminosos com os olhos e o corpo, movimentando-se livremente pelo espaço, levantando os braços e provocando novas projeções ao interagir com a imagem. A experiência favoreceu o desenvolvimento da percepção, da coordenação motora e das interações. Observou-se como a luz pode se tornar uma linguagem expressiva na infância, em consonância com a concepção das cem linguagens da criança, proposta por Malaguzzi (1999), que reconhece as múltiplas formas de expressão, comunicação e aprendizagem. Assim, o ambiente se reafirma como terceiro educador, enriquecendo o cotidiano da educação infantil.

Palavras-chave: Luz e sombra, Educação infantil, Crianças bem pequenas, exploração livre.

INTRODUÇÃO

Pensar a infância é pensar o tempo, o espaço e o modo como o mundo se oferece às descobertas. Cada ambiente, cada gesto e cada feixe de luz que atravessa a sala se torna convite à curiosidade e à invenção. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) lembram que o espaço não é apenas cenário, mas parte viva da experiência das crianças. Quando planejado com intencionalidade, o ambiente favorece a exploração, a interação e a expressão, dimensões fundamentais para o desenvolvimento

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, beatriz.pinto@ufpe.br;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Unilavras – Centro Universitário (MG), penhalaurenti@gmail.com;



da autonomia e dos vínculos. Refletir sobre o espaço, portanto, é também garantir o direito ao brincar, reconhecido como eixo estruturante do currículo e essência da infância.

A luz e a sombra constituem elementos significativos no cotidiano infantil, capazes de despertar a curiosidade e ampliar as possibilidades de exploração e expressão. Na Educação Infantil, experiências que envolvem manipulação de luz favorecem a percepção visual, o movimento, a coordenação motora e a interação social, além de permitir que a criança investigue o ambiente de maneira autônoma.

Segundo Malaguzzi (1999), as crianças possuem múltiplas formas de expressão e comunicação, conhecidas como as cem linguagens da infância. A luz pode ser compreendida como uma dessas linguagens, oferecendo possibilidades de investigação sensorial e de criação de significado. Edwards, Gandini e Forman (2016) ressaltam que o ambiente, entendido como terceiro educador, desempenha papel essencial na mediação dessas experiências, pois comunica, provoca e apoia o desenvolvimento infantil.

Crianças de 1 e 2 anos encontram-se em uma fase crucial de desenvolvimento, marcada pelo reconhecimento de si mesmas como sujeitos ativos e capazes de influenciar o ambiente ao seu redor. Segundo Wallon (1995), nessa faixa etária, a criança desenvolve a consciência de corpo e espaço, estabelece vínculos afetivos com pessoas significativas e inicia a construção de sua autonomia. O brincar, a exploração sensorial e as interações com objetos e colegas tornam-se formas essenciais de aprendizagem, pois permitem que a criança investigue, experimente e compreenda relações de causa e efeito, além de expressar sentimentos e intenções. Compreender essas características é fundamental para planejar propostas pedagógicas que respeitem o ritmo individual e incentivem a criança a se reconhecer como protagonista do próprio aprendizado.

Este estudo teve como objetivo analisar as experiências de exploração com luz e sombra realizadas com crianças de aproximadamente dois anos em um Centro de Educação Infantil na cidade de Recife/PE. As sessões ocorreram em um ambiente preparado com baixa luminosidade e o uso de um projetor que criava efeitos visuais, convidando as crianças a interagirem livremente com os feixes de luz e suas sombras.

A pesquisa foi de caráter qualitativo e descritivo, utilizando registros fotográficos e escritos de observação para documentar as vivências. As sessões aconteceram ao longo de um mês, permitindo acompanhar a maneira como as crianças se apropriavam do espaço, explorando o movimento da luz com o corpo e o olhar, criando projeções e descobrindo relações entre forma, cor e sombra.



Observou-se que as crianças apresentaram autonomia na exploração, desenvolvendo habilidades motoras e cognitivas, além de interações sociais espontâneas. A experiência evidenciou como a luz pode se tornar uma linguagem expressiva na infância, possibilitando a criação de novas formas de relação com o ambiente e com os colegas.

Dessa forma, este estudo reafirma a importância do ambiente preparado intencionalmente e das experiências sensoriais no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, mostrando que a exploração de luz e sombra favorece a autonomia, a expressão e a investigação criativa das crianças.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência, método que permite descrever, analisar e refletir sobre práticas pedagógicas, considerando o contexto, as interações e as vivências das crianças como elementos centrais da investigação (SÁ, 2007). A pesquisa foi realizada em uma turma do Grupo 1, composta por crianças de 1 e 2 anos, em um Centro de Educação Infantil na cidade de Recife/PE. A turma contava com 11 crianças, divididas em dois grupos: o primeiro grupo incluía cinco crianças de 1 ano, e o segundo grupo, seis crianças de 2 anos.

As sessões ocorreram na sala de referência da turma, que possuía uma salinha anexa utilizada como sala do soninho. Para a realização das propostas, todos os materiais da sala foram retirados, criando um ambiente adequado para a exploração com luz. Um projetor foi utilizado para projetar feixes de luz na parede, permitindo que as crianças interagissem livremente com as sombras e efeitos visuais gerados.

Cada sessão foi planejada para proporcionar às crianças tempo e espaço para experimentação, sem direcionamentos rígidos por parte do educador, respeitando seu ritmo e iniciativa. A organização da sala e o uso do projetor foram pensados para que o ambiente funcionasse como mediador da experiência, possibilitando o contato das crianças com diferentes formas de percepção visual, movimento e interação com o espaço.

O registro das atividades foi realizado por meio de observações escritas e registro fotográfico, permitindo acompanhar o engajamento das crianças, suas ações e interações durante a proposta. A metodologia adotada possibilitou compreender como as crianças se relacionaram com a luz e a sombra, como exploraram o ambiente e como construíram



suas próprias experiências, reafirmando o valor das práticas de investigação sensorial na Educação Infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

As linguagens das crianças

Loris Malaguzzi (1999) propõe que as crianças possuem múltiplas formas de expressão e comunicação, conhecidas como as cem linguagens da infância. Essas linguagens não se limitam à fala ou à escrita; elas incluem o corpo, o gesto, o olhar, a imaginação, o desenho, o movimento e a exploração sensorial. Cada criança manifesta seu conhecimento, suas emoções e sua criatividade de maneira singular, inventando maneiras próprias de interpretar e interagir com o mundo.

As experiências estéticas e sensoriais são fundamentais para o desenvolvimento infantil, Vecchi (2017) destaca que permitem que emoção, percepção e reflexão se integrem de forma natural. Atividades que envolvem luz, sombra, cores e movimentos estimulam a percepção visual, a coordenação motora, a atenção e a capacidade de resolver problemas, ao mesmo tempo que incentivam a criatividade. Ao interagir com projeções de luz, as crianças experimentam relações de causa e efeito, exploram novas formas de movimento e descobrem diferentes modos de expressão.

Desta forma, Dewey (2010) reforça que a aprendizagem significativa acontece quando sentir e compreender se articulam. Ao vivenciar experiências sensoriais, como a exploração da luz e da sombra, a criança não apenas observa, mas participa ativamente da construção do conhecimento. O movimento do corpo, o acompanhamento visual dos feixes luminosos e a manipulação de elementos no espaço tornam-se estratégias de investigação, expressão e compreensão do mundo.

As experiências sensoriais também contribuem para a imaginação e a autonomia. Como o material ou o efeito de luz não possui um propósito definido, a criança pode inventar, testar hipóteses e criar novas formas de brincar. Essa liberdade de exploração estimula o pensamento criativo e fortalece a capacidade de tomada de decisão e de resolução de problemas, demonstrando a importância de considerar o brincar como uma prática de aprendizagem ativa e reflexiva.

O papel do educador na mediação das experiências



O educador exerce um papel de mediação das experiências infantis, atuando como observador, facilitador e planejador do ambiente. Edwards, Gandini e Forman (2016) destacam que, ao organizar materiais e recursos, o educador permite que o espaço se torne um terceiro educador, capaz de provocar descobertas, apoiar a autonomia e favorecer interações sociais significativas.

Rinaldi (2009) complementa que a escuta atenta e o olhar observador do educador são essenciais para compreender as intenções da criança e responder às suas necessidades de forma sensível. Essa postura implica acompanhar o ritmo da criança, respeitar seu tempo de exploração e intervir apenas quando necessário, garantindo que cada experiência seja significativa.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) reforçam que o educador deve organizar o espaço de maneira intencional, promovendo experiências de exploração, expressão e interação. Ao planejar propostas com luz e sombra, o educador cria condições para que as crianças experimentem fenômenos visuais, descubram relações entre forma e movimento e se engajem em brincadeiras que envolvam investigação e criatividade.

Na prática, o educador prepara a sala, posiciona o projetor e observa como cada criança interage com os feixes de luz, como explora as sombras projetadas na parede e como se movimenta pelo espaço. A presença do educador é discreta, mas essencial: ele oferece segurança, apoio e registro das vivências, permitindo que a criança se aproprie do ambiente e desenvolva habilidades cognitivas, motoras e sociais.

O papel do educador, portanto, vai além de supervisionar; ele é mediador, parceiro e facilitador do processo de aprendizagem. Sua atuação permite que as crianças experimentem, descubram e construam conhecimento de forma autônoma e criativa, reforçando a importância da observação, do planejamento e do suporte sensível na Educação Infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As sessões de exploração com luz e sombra proporcionaram diferentes formas de interação e expressão entre as crianças, revelando aspectos importantes do desenvolvimento sensorial, motor e social. Observou-se que cada grupo apresentou comportamentos característicos de sua faixa etária, permitindo analisar como a



experiência se adaptava às necessidades e capacidades das crianças. O grupo de 1 ano demonstrou inicialmente curiosidade contida, aproximando-se da projeção de luz com olhares atentos e gestos delicados. Aos poucos, passaram a estender as mãos e acompanhar o movimento da luz, testando limites e explorando novas formas de interação. Algumas crianças preferiam permanecer próximas às educadoras, buscando segurança, enquanto outras se sentiam confortáveis para ir diretamente à parede, experimentar formas nas sombras, levantar os braços, dançar ou rodopiar. Essa diversidade de posturas evidencia o respeito ao tempo e ao ritmo individual de cada criança, reforçando que a exploração sensorial contribui para o desenvolvimento da percepção e da coordenação motora (DEWEY, 2010; MALAGUZZI, 1999).

As crianças de 2 anos exploraram a luz de maneira mais ativa, movimentando-se pelo espaço e criando sombras com o próprio corpo. Foi perceptível que buscavam provocar efeitos de causa e consequência, experimentando diferentes formas de movimento e interação. Essa apropriação do espaço e da luz reflete o protagonismo infantil e confirma o potencial da luz como linguagem expressiva, permitindo às crianças construir sentido a partir da própria ação, em consonância com o conceito das cem linguagens da criança (MALAGUZZI, 1999; VECCHI, 2017). A experiência também favoreceu as interações sociais, uma vez que algumas crianças observavam colegas, imitavam gestos ou se engajavam em brincadeiras coletivas, percebendo como suas ações influenciavam o ambiente e os demais. Esse aspecto reforça a função do educador como mediador, pois, ao preparar o espaço e oferecer condições para exploração livre, o professor possibilita o desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da aprendizagem relacional (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016; RINALDI, 2009).

A investigação das projeções de luz e sombra evidenciou a importância do tempo e do ritmo individual. Cada criança se apropriava da experiência conforme seu interesse e sua capacidade de atenção, demonstrando que respeitar a temporalidade infantil é fundamental para que a exploração sensorial se torne significativa. Esse aspecto está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que destacam o direito da criança ao brincar e à investigação como elementos centrais para o desenvolvimento integral (BRASIL, 2009). Observou-se, portanto, que a exploração de luz e sombra favoreceu a ampliação da percepção visual e sensorial, o desenvolvimento da coordenação motora fina e ampla, a promoção da autonomia e da tomada de decisão, a criação de interações sociais espontâneas e significativas, e a expressão de múltiplas linguagens e formas de pensamento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência permitiu compreender como propostas de exploração com luz e sombra contribuem para o desenvolvimento integral de crianças pequenas, estimulando percepção, coordenação motora, criatividade e expressão de múltiplas linguagens. Observou-se que experiências sensoriais, mediadas por um educador atento e sensível, possibilitam que as crianças investiguem, criem e construam conhecimento de maneira autônoma, respeitando seu ritmo e escolhas individuais.

A análise da experiência evidencia que o papel do educador é fundamental, não apenas como organizador do espaço, mas como mediador das descobertas infantis, promovendo oportunidades de exploração, interação e aprendizagem significativa. A prática reforça a relevância do conceito das cem linguagens da criança (MALAGUZZI, 1999), ao demonstrar que a expressão, a comunicação e a criatividade se manifestam de formas diversas, e que o ambiente, quando intencionalmente preparado, potencializa essas manifestações.

Em termos de aplicação empírica, os achados sugerem que propostas de exploração sensorial, como a realizada com luz e sombra, podem ser incorporadas ao cotidiano da Educação Infantil, servindo como estratégias pedagógicas que fortalecem a autonomia, a expressão criativa e o engajamento das crianças. Além disso, abre-se espaço para novas pesquisas que investiguem a aplicação dessas experiências em diferentes contextos, faixas etárias e combinações de estímulos sensoriais, permitindo aprofundar o entendimento sobre a relação entre mediação pedagógica, espaço e aprendizagem significativa.

Dessa forma, o relato contribui para a reflexão sobre práticas pedagógicas inovadoras na Educação Infantil, destacando a importância da observação, da preparação intencional do ambiente e do reconhecimento da criança como protagonista do seu aprendizado. Ao mesmo tempo, evidencia a necessidade de estudos complementares que ampliem o conhecimento sobre experiências sensoriais e a implementação de estratégias que integrem exploração, criatividade e investigação no processo educativo.

REFERÊNCIAS

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



MALAGUZZI, Loris. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 63–87.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SÁ, Maria C. **Relato de experiência como estratégia de investigação pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2007.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e o potencial do ateliê na educação da primeira infância**. São Paulo: Phorte, 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

